



## AS CASAS DE ÁLVARO SIZA NOS ANOS 1980: EXPERIMENTAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES NAS ESTRATÉGIAS DE PROJETO

### *ÁLVARO SIZA'S HOUSES IN THE 1980s: EXPERIMENTATIONS AND TRANSFORMATIONS IN DESIGN STRATEGIES*

PENTEADO NETO, Raul <sup>1</sup>,  
LANCHA, Joubert José <sup>2</sup>,

#### Resumo

Trata-se de estudo elaborado a partir de pesquisa recente sobre as estratégias de projeto do arquiteto português Álvaro Siza (1933). Este artigo apresenta a importância das experiências vividas nos projetos não construídos para a Casa Fernando Machado (1981) e Casa Mário Bahia (1983-93) nas transformações das estratégias projetuais presentes e concretizadas posteriormente em uma série de outros projetos, de modo atualizado e adaptado em novos contextos. O método utilizado para tentar demonstrar o pressuposto é o do cruzamento entre Revisão bibliográfica sobre os escritos acerca da produção residencial entre os anos 1979-1988 e o Redesenho analítico que compara os projetos selecionados neste intervalo temporal selecionado. Este trabalho busca evidenciar a relevância da memória, acumulação de influências e experiências precedentes no processo de atualização de estratégias de projeto na produção do arquiteto Álvaro Siza.

**Palavras-chave:** Álvaro Siza; experimentação projetual; casas;

#### Abstract

This is a study based on recent research on the design strategies of the Portuguese architect Álvaro Siza (1933). This article presents the importance of the experiences lived in the unbuilt projects for Casa Fernando Machado (1981) and Casa Mário Bahia (1983-93) in the transformations of present design strategies and subsequently implemented in a series of other projects, in an updated and adapted way in new contexts. The method used to try to demonstrate the assumption is the crossing between Bibliographic review on the writings about residential production between the years 1979-1988 and the Analytical redesign that compares the selected projects in this selected time interval. This work seeks to highlight the relevance of memory, accumulation of influences and previous experiences in the process of updating design strategies in the production of architect Álvaro Siza.

**Keywords:** Álvaro Siza; design experimentation; houses;

---

<sup>1</sup> IAU USP, <https://orcid.org/0000-0002-5614-2193>, [raulpenteado@gmail.com](mailto:raulpenteado@gmail.com)

<sup>2</sup> IAU USP, <https://orcid.org/0000-0002-1690-6857>, [lanhajl@sc.usp.br](mailto:lanhajl@sc.usp.br)

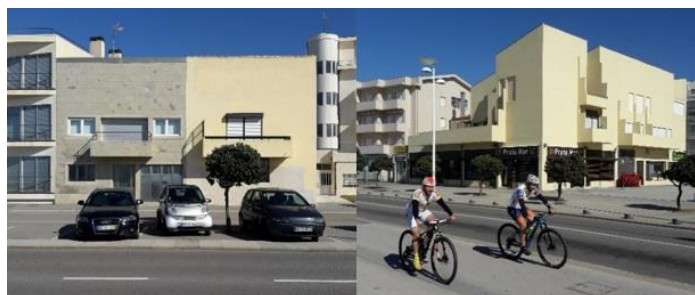
## 1 Introdução

A contribuição deste artigo reside na clarificação da importância das experiências vividas pelo arquiteto Álvaro Siza (1933) na elaboração de alguns projetos de casas nos anos 1980 para as transformações das estratégias projetuais que viriam a ocorrer e se concretizar pioneiramente, anos mais tarde, em meados dos anos 1990. Este Artigo destaca a importância dos redesenhos de projetos e perspectivas na investigação de estratégias projetuais.

## 2 Contextualização Histórica

No início dos anos 1970, a obra de Siza, que ficou caracterizada pela investigação acerca da complexidade geométrica espacial e compositiva, evidente em residências unifamiliares e nos edifícios para as agências bancárias, já apresenta, em paralelo, alguns trabalhos em que oscilaria para uma arquitetura da repetição de padrões e da simplificação das formas, em projetos multifamiliares de baixo custo. O primeiro flerte com as premissas que se tornariam recorrentes na década de 1980 parece ter ocorrido na obra do Complexo de Edifícios de Vila Cova, Caxinas, Vila do Conde (1970-72), primeira edificação em que se nota a clara referência à arquitetura de Adolf Loos (1870-1933), como escreve Sérgio Fernandez (1988). Neste momento, essa oscilação para uma arquitetura com volumetrias mais “enxutas”, onde se reconhecem influências da corrente racionalista, ocorre principalmente por conta de uma resposta adequada ao entorno empobrecido e às limitações financeiras da encomenda multifamiliar, em que ocorre um “encontro da economia de meios com a economia expressiva” (Figueira, 2009, p.244).

**Figuras 1 e 2:** Complexo de Edifícios de Vila Cova, Caxinas (1970), alterados, Álvaro Siza.



Fonte: dos autores, 2017.

Esta transformação nas estratégias projetuais que ocorre entre os anos 1970 e os anos 1980 pode ter ligação direta com o contexto histórico e político de Portugal naquele momento, que coincide com a abertura do país após a Revolução de 25 de abril de 1974 e a consequente libertação do regime totalitário do Estado Novo, vigente desde 1933. Após esta abertura, o país que, durante mais de quarenta anos, teve acesso restrito às atualizações de ordem social, econômica e cultural, isolado dentro de seu provincianismo predominantemente agrícola, começa a tirar proveito da interação com países próximos, assim como das novas diretrizes governistas com orientação socialista (Siza, 1988). Neste

âmbito de contato com publicações e debates que circulavam internacionalmente, segundo Fernandez (1988), ocorreria em Portugal um amadurecimento desta geração de arquitetos, à qual Siza faz parte:

O aprofundamento teórico das questões da arquitectura, (...) reconduziria a disciplina ao seu campo específico. A consciência da importância do passado nas novas formulações, tal como se revelava, na Europa ou na América [do Norte] através das obras ou das publicações de Stirling, Gregotti, Rossi, Rudolph, Kahn ou Venturi, conduz a uma releitura da história. (Fernandez, 1988, p.186).

Parece ser neste ambiente que Siza começa a adaptar e miscigenar a linguagem da vanguarda racionalista do primeiro pós-guerra às peculiaridades da arquitetura histórica, tradicional e vernacular portuguesa. Frampton (1994, p. 30) caracterizaria essa ocorrência como uma “hibridação de aspectos vanguardistas com formas vernáculas arquetípicas”, “baseada, em parte, nas raízes profundas de um classicismo mediterrâneo”, herdados das reminiscências da ocupação italiana na Península Ibérica (Lusitânia) e renovado pela imigração inglesa ao norte de Portugal, no final do século XVIII. Sobre este último fato, Alexandre Alves Costa, descreve como a evolução da “ordem neo-palladiana” trazida pelos ingleses ao Porto para as obras de infraestrutura no século XIX, seriam transpostas, num momento posterior, do canteiro para as salas de aula da Escola de Belas Artes, reiterando uma formação mais rigorosa de toda uma geração de arquitetos do início do século XX:

No século XIX, Lisboa avançou na renovação do gosto, adotando o austero e acadêmico classicismo do novo poder liberal, o qual se tornou cada vez mais burocrático, sem resistência e se colocou em confronto com o exotismo revivalista dos *nouveau riche*. Durante este período, foram construídas infraestruturas mais prosaicas no Porto, que abordavam diretamente as demandas dos desenvolvimentos urbanos. Elas mantiveram a garantia da ordem neo-palladiana de proveniência inglesa, permitindo o uso de novos materiais. No Porto, foram feitos avanços no desenvolvimento tecnológico, no rigor da construção e na racionalidade da composição. Em um período mais eclético e cosmopolita, esses avanços foram transportados rapidamente do canteiro de obra para a pedagogia da escola de Belas Artes. (Costa, A., Santos, J. P., Wang, W. et al, 1988, p.12, tradução nossa).

O aprendizado na Escola de Belas Artes do Porto nos anos 1950 e a experiência profissional com Fernando Távora (Siza, 1998), parece ter estimulado e enriquecido o olhar de Siza sobre a cidade, sobre a arquitetura vernácula e, muito provavelmente, o tenha feito notar as características recorrentes tanto em construções institucionais como em construções anônimas e domésticas em todo norte de Portugal: a ordem, a proporção, a axialidade, a simetria e a relação entre as aberturas no todo, como é possível observar nas figuras 3, 4 e 5, a seguir.

**Figuras 3, 4 e 5:** Alfândega Régia e Capela (Vila do Conde), Mosteiro da Serra do Pilar (Gaia).



Fonte: dos autores, 2017.

Conforme Frampton (2015, p.397), Siza não deixaria de “inserir elementos vernáculos reinterpretados como episódios disjuntivos dentro do todo (...)” para compor a sua arquitetura híbrida e lúdica, a partir do começo dos anos 1980. Sensível a todo este contexto local e suas preexistências ambientais assim como ao debate internacional contextualista vigente no período, é possível dizer que Siza teria articulado uma espécie de miscigenação multifacetada entre a arquitetura do racionalismo do primeiro pós guerra com as heranças neo-palladianas da arquitetura de origem italiana e inglesa, presentes no norte de Portugal e que lhe dariam legitimidade histórica, misturando progressivamente a “simplificação formal” de Loos com o “rigor de proporção” de Palladio (Frampton, 2000). Isto pode ser notado principalmente nos projetos elaborados para a Casa Maria Margarida, em Vila Nova de Gaia (1979-87) e para a Casa Avelino Duarte, Ovar (1980-85). Frampton no texto para a revista espanhola AV n. 47 exclusiva sobre Portugal, ressalta a relação íntima entre a casa de Ovar e a obra de Adolf Loos:

A Casa Duarte (...) revela um jogo (...) derivado do conceito da *Raumplan* de Loos, sendo que neste caso a passagem da simetria a assimetria acontece de maneira *palladiana*, onde a trama reticular alternada (A:B:A:B) constitui a trama subjacente da casa. (Frampton, 1994, p.30, tradução nossa).

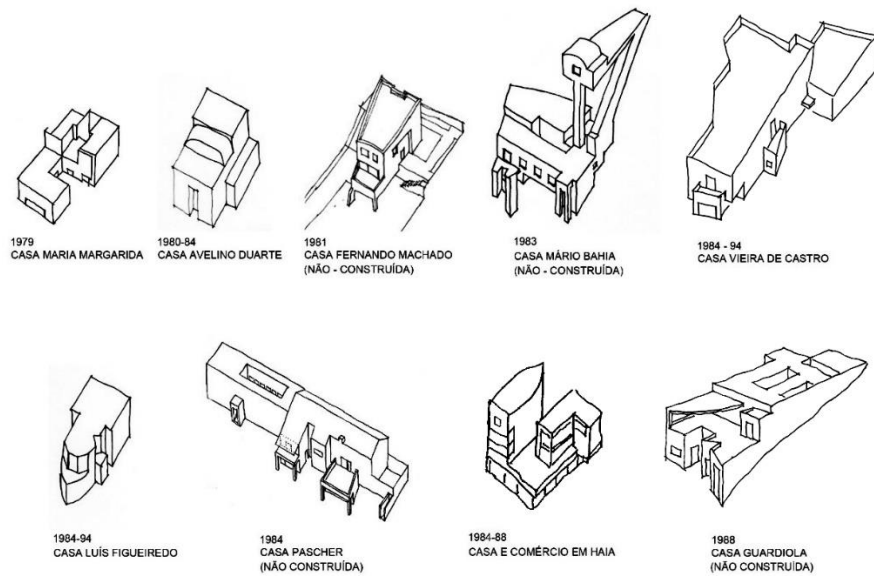
Segundo nota de Molteni e Cianchetta, referente à Casa Maria Margarida (1979-87), estão presentes neste momento os cálculos de proporções entre o todo e as partes, relação entre planta e altura da edificação, conceitos básicos da obra de Palladio:

Se examinarmos os desenhos originais que Siza produziu, podemos achar números que são mais medidas abstratas (não-construtivas) do que medidas reais, tais como 3.33, 2.755, etc. Vemos figuras primárias, tais como círculo e quadrado, volumes perfeitos (um cubo de 4m), eixos de simetria, ritmos e sucessões, as quais permeiam o desenho com rigor e tensão ideais. O projeto é baseado em proporção e claramente acredita que é possível encontrar a essência e a harmonia de espaço nas relações geométricas. (Cianchetta e Molteni, 2004, p. 110, tradução e grifo nosso).

### 3 AS CASAS COMO LABORATÓRIO NA ENTRADA DOS ANOS 1980

Ao aprofundar a pesquisa sobre os projetos elaborados para as Casas entre os anos de 1979 e 1988, é possível verificar algumas lentas, mas sensíveis transformações e atualizações nas estratégias projetuais empregadas pelo arquiteto português.

**Figura 6:** Mapa Cronológico resumido com as Casas elaboradas por Álvaro Siza entre 1979 e 1988.



Fonte: dos autores (2024), baseado em linha do tempo de Cianchetta e Molteni (2004).

As estratégias utilizadas nas casas Maria Margarida em Vila Nova de Gaia (1979-87) e Avelino Duarte em Ovar (1980-84) evidenciam uma preocupação bastante centrada em uma simplificação e rigor geométrico que transparecem prontamente nas volumetrias, no emprego de sólidos platônicos *loosianos* com proporções e partições *palladianas*. Resta pouco espaço para explorações poéticas na relação entre as portas e janelas e o todo nessas duas casas, pois ambas edificações apresentam poucas aberturas. A axialidade e simetria dos volumes frontais também evocam a referência às Villas de Loos e de Palladio (mesmo que a entrada para as casas de Siza nunca sejam centralizadas).

**Figura 7 e 8:** Casa Maria Margarida (1979), Vila Nova de Gaia, Álvaro Siza.



Fonte: dos autores, 2017.

**Figura 9 e 10:** Casa Avelino Duarte (1980), Ovar, Álvaro Siza.



Fonte: dos autores, 2017.

A partir dos projetos das casas imediatamente posteriores, uma lenta e gradual transformação parece ocorrer, com uma progressiva e exagerada fragmentação dos conjuntos associada à exploração poética da relação entre as aberturas e volumes, que vão evidenciando cada vez mais alusões figurativas e biomórficas. O termo “figurativo” pode ser compreendido aqui como uma recuperação ou associação de características reconhecíveis e memorizáveis, uma metáfora, ou uma tradução atual de uma relação com códigos pré-estabelecidos na história da disciplina da arquitetura. Pode ser entendido também, de modo mais específico, numa abordagem mais humanista, de relação entre homem e natureza, como um resgate de uma arquitetura com potencial representativo e alusivo, com características antropomórficas, restaurando tema duradouro na história da disciplina (Portoghesi, 2000).

O “biomorfismo” e o seu caso particular, o “antropomorfismo”, deverá ser entendido como Drake (2008) coloca em seu livro, ou seja, como uma “referência ao corpo como uma fonte de forma”, como uma metáfora ao corpo humano, “a partir da qual um edifício pode transcender a condição material do seu uso para se tornar um artefato de cultura” (Drake, 2008, p.5, tradução nossa). Os primeiros indícios desses novos interesses figurativos e do aperfeiçoamento de linguagem que ocorre no processo de projeto das casas entre 1980 e 1988 podem ser percebidos nos textos e memoriais descritivos dos projetos escritos entre 1982 e 1983. Na revista *Obradoiro* n.8, publicação do Colégio Oficial de Arquitetos da Galícia, lançada em 1983, está em destaque o texto “A Casa do Dr. Fernando Machado / A Casa interrompida”. Datado de fevereiro de 1982, seu conteúdo trata poeticamente da desistência por parte de um cliente em construir uma casa projetada pelo arquiteto. Republicada posteriormente em outros livros e compilações e com outros títulos, Siza, neste lamento, denomina pela primeira vez um projeto seu como “personagem”, ou “animal”, que “ganha vida própria”, de “olhos inseguros”, evidenciando seu interesse circunstancial neste tipo de metáfora ou de poética:

(...) O projecto de uma casa é quase igual ao projecto de outra casa: paredes, janelas, portas, telhado. E contudo, é único: transforma-se. Em certos momentos, ganha vida própria. Faz-se então animal volúvel, de patas inquietas e de olhos inseguros. Se é demasiadamente contido, deixa de respirar: morre. Se as suas transfigurações não são compreendidas, se tudo quanto nele parece evidente e belo se fixa, torna-se um monstro, ou torna-se ridículo. O projecto está para o arquitecto como o personagem de um romance está para o seu autor: ultrapassa-o constantemente. E é preciso não o perder. Por isso o desenho o persegue. Mas o projecto é um personagem com muitos autores, e faz-se inteligente apenas quando é assim assumido, e obsessivo e impertinente em caso contrário. O desenho é desejo de inteligência. (Siza apud Suárez, 1983, p.7, tradução nossa).

Outro sinal da busca e pesquisa figurativa está nos croquis elaborados para este projeto, destacados na figura 11 a seguir, em que a relação entre as aberturas, principalmente entre as janelas do pavimento superior, em dupla, com formato retangular,

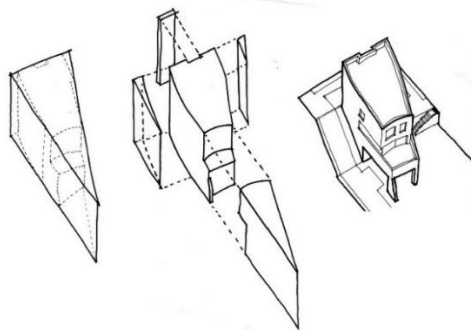
dispostas em cima de portas alongadas, horizontais ou verticais, reforçadas por outros elementos, como pórticos e terraços descobertos, evocam novas possibilidades de leitura poética. Embora neste projeto para a Casa Dr. Fernando Machado (1981), o foco central da referência ainda seja o mesmo, é possível perceber um descolamento da rigidez de composição e protagonismo da “geometria da massa escavada”, presentes na Casa Avelino Duarte (1980-84), realizada anteriormente. Ondulações e curvas aparecem para dar mais complexidade ao conjunto.

**Figura 11:** Fotomontagem com a capa e interior da Revista *Obradoiro* n.8, 1983, que contém o projeto da Casa Fernando Machado (1981).



Fonte: (Suárez, 1983, capa e p. 08).

**Figura 12:** Redesenhos da Casa Fernando Machado (1981), não construída, Porto, Álvaro Siza.



Fonte: Elaborado pelos autores (2018) a partir do projeto publicado em (Suárez, 1983, p.08-10).

Nesta casa não construída, Siza parece querer mais possibilidades de leitura poética, deixando cada mais claras as suas principais referências neste momento: uma miscigenação e dualidade entre a “poética econômica” de obras com referências racionalistas e a interpretação lúdica da “artisticidade figurativa” das obras vernaculares do norte de Portugal e das villas de Andrea Palladio, resultando em arquiteturas com forte



referência nas proporções do corpo humano, como o próprio arquiteto português comenta em entrevista aos autores:

Falando de arte, seja qual for a forma de arte, latente está o corpo humano nas proporções. E em minhas referências mais diretas, estou a me lembrar, por exemplo, da arquitetura do Palladio, onde tantas vezes aparecem “uma boca e os olhos”. E portanto, eu acho que tudo está referido em termos de criação e forma, ao corpo humano, e isso é histórico. (Penteado Neto, 2019, p.185).

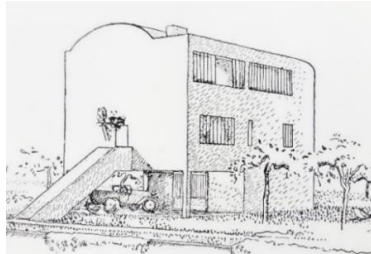
Vale lembrar que a arquitetura renascentista e maneirista são consideradas as principais fontes sintáticas para a composição da forma da maioria dos projetos realizados entre o século XIX e começo do século XX, como identificado e exposto por Collin Rowe (1976) em *“The Mathematics of the Ideal Villa and Other Essays”* e Peter Eisenman (2018) em *“The Formal Basis of Modern Architecture”*. É possível perceber relações subliminares entre as obras de Andrea Palladio e a dos primeiros arquitetos modernos e proto-modernos como Le Corbusier e Adolf Loos. A axialidade e o figurativo em alguns casos são surpreendentes, como pode-se notar nas imagens a seguir que contém, respectivamente, a Villa Rotonda de Palladio, a Casa Tzara (1926) de Loos e a *Maison d’Artiste* (1922), de Corbusier.

**Figura 13, 14 e 15:** Villa Rotonda, Vicenza (1565), Arq. Andrea Palladio (esq.) e Casa Tristan Tzara, Paris (1926), Arq. Adolf Loos (dir.).



Fonte: dos autores, 2023 e 2017.

**Figura 16:** – Croquis de Le Corbusier para a *Maison d’Artiste* (1922).



Fonte: (Boesinger W. e Stonorow O., 1946, p.53).

Entre estes projetos, a *Maison d’Artiste* (1922) é a que chama mais atenção, dentro do contexto da análise da obra do arquiteto Le Corbusier. De um modo sutil e com o emprego de poucos elementos, numa relação de proporção adequada, a volumetria desta casa pode evocar a possível leitura do corpo de um animal, em que a curvatura na porção superior



ajudaria a dar uma conotação de topo de uma cabeça, ou de um lombo, e o volume inclinado formado pelas meias-paredes que guardam a escada frontal poderia ser entendido como uma espécie de tromba. É importante observar ainda que os arquitetos apresentados anteriormente são os historicamente mais referenciados em toda a obra de Siza e, provavelmente, devem ter sido pesquisados pelo arquiteto com a costumeira profundidade e rigor. E o aperfeiçoamento de estratégias de projeto com foco figurativo nos projetos do arquiteto português pode ter ocorrido a partir, dentre outros motivos, de uma análise mais aprofundada nestes episódios encontrados nas obras de seus mestres Andrea Palladio, Adolf Loos e Le Corbusier.

#### **4 EXPERIMENTAÇÃO, TRANSFORMAÇÃO E ATUALIZAÇÃO DE ESTRATÉGIAS PROJETUAIS NAS CASAS DOS ANOS 1980**

Diferentemente das casas entre 1979 e 1981, que não suscitam tão diretamente uma leitura figurativa a partir da relação volume/massa/aberturas, a Casa Bahia (1983) radicaliza esta estratégia e pesquisa. Este projeto não construído explora na composição de algumas de suas fachadas uma nítida alusão à formas biológicas, mais especificamente, do corpo de um animal, numa provável referência, dentre muitas outras, ao episódio figurativo observado na *Maison d'artiste* (1922) de Corbusier, não construída. E isto pode ser considerado a partir da observação do formato do volume do abrigo de automóveis da casa de Gondomar, que tem uma configuração equivalente. O contexto ímpar da Casa Mário Bahia (1983), de uma volumetria fragmentada e apoiada nos socalcos que margeiam o Rio Douro, na periferia da cidade, com um programa complexo sobre uma topografia extremamente desfavorável, em frente a uma paisagem idílica e natural pode ser a razão que estimulou Siza a tratar o projeto de modo tão particular. Depois do texto “A Casa Interrompida” (1982), a solução tão excepcional para a Casa Bahia parece ter encorajado Siza a escrever, pela primeira vez, um memorial descritivo em tom poético.

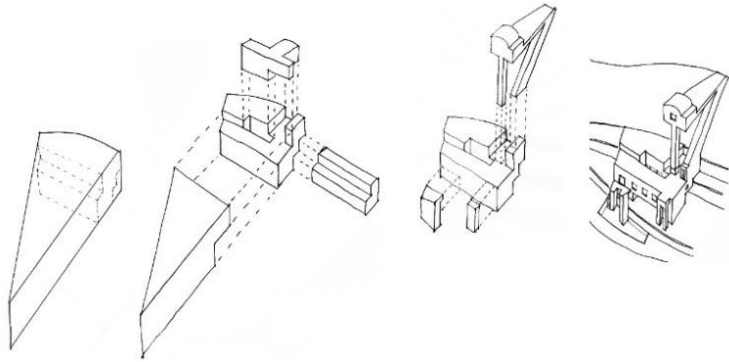
Diferentemente do que ocorre nos outros textos ou memoriais descritivos sobre as obras, ou seja, em vez de tratar pragmaticamente sobre o programa, o terreno ou sobre características físicas do projeto, o arquiteto desta vez ensaia uma descrição poética da estruturação do projeto da Casa Bahia, de modo muito similar ao de um artista, a partir de metáforas ou figuras de linguagem:

O desenho desta casa apoia-se naturalmente no que, antiquíssimo, existe “*sous la lumière*”. De subito ganhou pescoço e cabeça e asas; as suas patas desceram ao último socalco e mergulharam. Um arrepio terá percorrido os seus riscos. (Siza, 2019, p.232)

Este projeto não construído pode ser considerado fundamental para o entendimento do processo de trabalho do arquiteto Álvaro Siza, neste período entre 1979-1988. Das sutis citações ao corpo humano nas três casas anteriores, evolui para um novo resultado formal

biomórfico assumido, estratégia projetual que contribuiu para ordenar a volumetria tão fragmentada e espalhada pela topografia tão desfavorável, como é possível verificar na Figura 17 a seguir.

**Figura 17:** Redesenhos da Casa Mário Bahia, Gondomar (1983), Arq. Álvaro Siza.

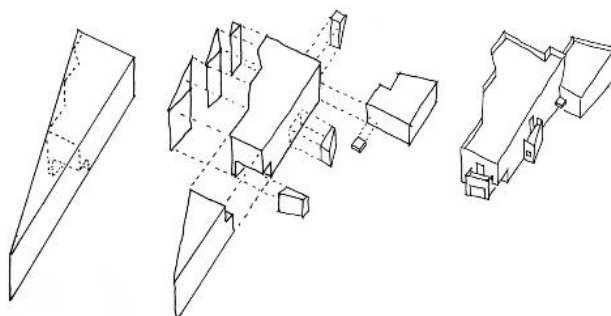


Fonte: Elaborado pelos autores (2018).

Então, tinha um desnível muito grande. (...) E não havia espaço para uma rampa para baixo. Bom, e isto foi ganhando, por razões de funcionamento, uma forma muito especial e, portanto, aí o figurativo pode auxiliar a dar ordem, a dar uma harmonia àquilo e passa a ser, inevitavelmente, “uma escultura no espaço” e por isso que eu escrevi essa coisa (...). E julgo que nesse, ou nesse [texto que aponta num livro], não sei, depois descrevo o que é uma coisa real: como uma forma tão estranha me auxiliou nessa proximidade, neste caso, a um pássaro. Um pássaro com a cabeça lá em cima, [com] as asas e tudo isso. Foi um apoio da tal figura latente sempre [presente] na arquitetura, nesse caso, fundamental, consciente. (Penteado Neto, 2019, pp.298-299)

A Casa Vieira de Castro (1984-94) parece ter sido tão importante para o arquiteto Siza (1999), por conta de sua especial circunstância: a grande dimensão do terreno, em Vila Nova de Famalicão, e a imensidão da vista em sua frente. Como a primeira casa a ser construída em um grande lote, fora de um contexto urbano, este é o único projeto com este programa doméstico a ser contemplado e destacado no livro monográfico “Imaginar a Evidência”, o único de autoria do próprio Siza (2012), tratando sobre sua própria obra. E é neste livro que encontramos o principal indício da importância das obras anteriores para a realização desta: “A Casa Vieira de Castro (...) é o prolongamento de propostas e pesquisas que efetuei anteriormente, que aqui se confrontam com um contexto novo” (Siza, 2012, p.39). A exagerada fragmentação observada na figura 18 parece herança das casas anteriores, com destaque para o aprendizado com a Casa Bahia (1983).

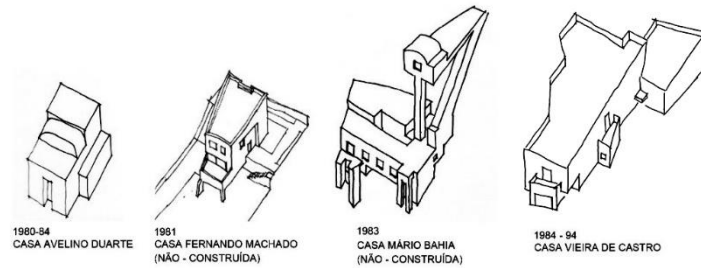
**Figura 18:** Redesenho da Casa Vieira de Castro, V. Nova de Famalicão (1984-94), Álvaro Siza.



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

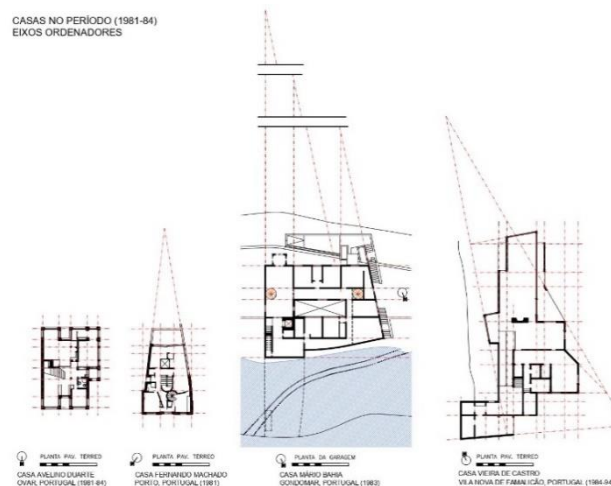
Por fim, ao comparar lado a lado as casas citadas anteriormente nas figuras 19 e 20, percebe-se que há um descolamento do rigor de proporção e axialidade da casa Avelino Duarte (1980), para uma investigação híbrida, que mistura dimensões concorrentes: ritmos marcados paralelos com eixos ordenadores radioconcêntricos; racionalismo de Loos e Corbusier com aspectos figurativos da arquitetura vernácula portuguesa herdadas de um neo-palladianismo de origem inglesa.

**Figura 19:** Transformações volumétricas nas Casas entre 1980 e 1984, Álvaro Siza.



Fonte: dos autores, 2019 e 2024.

**Figura 20:** Eixos reguladores paralelos e radioconcêntricos nas casas entre 1980-84, Álvaro Siza.



Fonte: os autores, 2019 e 2024.

## 5 Considerações

É plausível intuir que as estratégias provocativas utilizadas para conceber as volumetrias das casas Fernando Machado (1981) e Mario Bahia (1983), não construídas, tenham colaborado para o estabelecimento de procedimentos geométricos complexos que inovam, ao entrelaçar elementos figurativos/biomórficos com volumetrias racionalistas. A arquitetura do *grau zero* e dos eixos reguladores paralelos entra em choque com a arquitetura da *hiperfragmentação dos volumes* guiada por eixos radioconcêntricos. A Casa Veira de Castro (1984-94) parece concretizar isto pioneiramente na produção residencial de Siza, prolongando-se posteriormente para obras institucionais de maior porte, como o

Pavilhão Carlos Ramos (1985), para o Instituto de Educação Superior de Setúbal (1986-94), atingindo seu ápice nos edifícios da FAUP (1986-93).

## 6 Referências

BOESINGER W.; STONOROW O. (edit.) **Le Corbusier et Pierre Jeanneret / Ouvre complète 1910 – 29**. Zurich: Les Editions d'architecture, 1946.

CIANCHETTA, A. e MOLTENI, E. (org.) **Álvaro Siza. Casas 1954-2004**. Milão: Electa, 2004.

COSTA, A. A. **Álvaro Siza**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda-Centre Georges Pompidou, 1990.

COSTA, A., SANTOS, J. P., WANG, W. et al. **Álvaro Siza: Figures and Configurations / Buildings and Projects 1986-1988**. Nova Iorque: Rizzoli, 1988.

DRAKE, S. **A Well Composed Body: Anthropomorphism in Architecture**. Saarbrücken: VDM Verlag Dr Muller, 2008.

EISENMAN, P. **The Formal Basis of Modern Architecture**. Baden: Lars Muller, 2018.

FERNADEZ, S. **Percorso Arquitectura Portuguesa 1930/1974**. Prefácio de Alexandre Alves Costa. 2. Ed. Porto: Edições da FAUP, 1988.

FIGUEIRA, J. **A Periferia Perfeita: Pós modernidade na Arquitetura portuguesa, Anos 60 - Anos 80. Volume I**. Tese (doutorado). Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2009.

FRAMPTON, K. **Álvaro Siza. Obra Completa**. Barcelona: Gustavo Gili, 2000.

FRAMPTON, K. **En busca de una línea lacônica: Notas sobre la Escuela de Oporto**. In: A V Monografias de Arquitectura y Vivienda: Portugueses. vol. 47. Madri: Avisa, 1994.

FRAMPTON, K. **História Crítica de la Arquitetura Moderna**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

PENTEADO NETO, R. **Arqueologia, Metamorfose e Inflexão na composição da forma arquitetônica (1966-1998)**. Dissertação (mestrado). Instituto de Arquitetura e Urbanismo, São Carlos, 2019.

PORTOGHESI, P. **Nature and Architecture**. Milano: Skira, 2000.

ROWE, C. **The Mathematics of the Ideal Villa and Other Essays**. Cambridge: MIT Press, 1999.

SIZA, A. **GA Document Extra: Álvaro Siza**. n.11. Tokyo: ADA EDITA Tokyo Co, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Casa do Dr. Fernando Machado / A Casa Interrompida**. In: Revista Obradoiro n.8, Santiago de Compostela: Organo del Colegio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1983.

\_\_\_\_\_. **Profesión poética**. Barcelona: Gustavo Gili, 1988.

\_\_\_\_\_. **Habitar el paisaje / Casa Vieira de Castro, Vilanova de Famalicão, Portugal**. In: Arquitectura Viva, Barcelona, vol.65, março-abril 1999.

\_\_\_\_\_. **Imaginar a Evidência / Álvaro Siza**. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

\_\_\_\_\_. **Textos 1: Álvaro Siza**. Prefácio Carlos Campos Morais. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2019.

SUÁREZ, M. S. **A Casa do Dr. Machado**. In: Obradoiro n. 8, Santiago de Compostela: Organo del Colegio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1983.